



Rotina jornalística e mobilidade: potencialidades de transformação do *habitus* profissional jornalístico a partir das tecnologias móveis¹

Leonardo PASTOR ²

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

RESUMO

Este artigo traz uma discussão sobre as possíveis transformações no *habitus* profissional jornalístico a partir da utilização de tecnologias móveis. Com elas, criam-se possibilidades de uma nova rotina jornalística, baseada na constante mobilidade e valorização do local. Permitem-se novas relações com o próprio espaço urbano, fazendo com que o jornalista interaja com ferramentas móveis para produzir conteúdos multimidiáticos em mobilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Móvel, *Habitus*, Mobilidade

INTRODUÇÃO

Novas tecnologias, assim como podem trazer grandes transformações para a sociedade em geral, modificam a forma de produzir notícias. Neste século XXI, quando os aparelhos móveis transformam as relações sociais e o espaço urbano, observam-se potenciais mudanças no *habitus* profissional jornalístico.

A partir do jornalismo digital, houve uma grande retomada de questões como instantaneidade e multimídia, através de uma atualização em tempo real e contínua. Com o jornalismo móvel, ou *mojo*³, evidenciam-se ainda mais questões como essas. Além disso, surgem possibilidades de uma maior descentralização da produção jornalística, permitindo uma rotina voltada para o trabalho de campo (SILVA, 2008a). Criam-se novas ferramentas que possibilitam apuração, edição e publicação de conteúdo em contextos de mobilidade. E essa grande inserção de tecnologias móveis na prática jornalística, ao propiciar novas maneiras de lidar com a rotina de trabalho, traz

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Graduando em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia, membro do Grupo de Pesquisa em Cibercidades (GPC) do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas e bolsista PETCOM-UFBA. E-mail: leopbr@gmail.com

³ Abreviação para *mobile journalism*



questionamentos sobre como elas se incorporariam às formas de publicação existentes (CAMERON, 2008).

Ao jornalista contemporâneo, lança-se o desafio de manter qualidade na produção jornalística apesar do aumento na rapidez de propagação de informações, habituar-se a um trabalho em mobilidade constante, além de ser capaz de produzir e editar conteúdos para diferentes mídias. O *habitus* profissional jornalístico, a partir das tecnologias móveis, tende a transformar-se.

HABITUS JORNALÍSTICO

O *habitus*, como definido por Bourdieu (2008, p.21), “é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolha de pessoas, de bens, de práticas”. Ainda, referindo-se mais especificamente ao *habitus* profissional, pode-se associá-lo a um “tipo particular de saber prático, ou seja, de conhecimento voltado para a ação, para a práxis” (BARROS FILHO e MARTINO, 2003, p.69)

A importância da apreensão do *habitus* fica mais evidente ao relacioná-lo com a estrutura do campo e seus agentes. Estes, envolvem-se em lutas/disputas por uma posição no campo⁴, ou seja, pela distribuição de capital simbólico. Isso, através da mediação das disposições constitutivas de seu *habitus*, colocando-os em posição de modificar as regras do jogo ou mantê-las (BOURDIEU, 2008).

O *habitus* preenche uma função que, em uma outra filosofia, confiamos à consciência transcendental: é um corpo socializado, um corpo estruturado, um corpo que incorporou as estruturas imanentes de um mundo ou de um setor particular desse mundo, de um campo, e que estrutura tanto a percepção desse mundo como a ação nesse mundo. (BOURDIEU, 2008, p.144)

Entendendo como *habitus* uma série de estruturas incorporadas à ação ou, melhor, como o princípio gerador e regulador das práticas cotidianas (BARROS FILHO e MARTINO, 2003), percebe-se a importância da constituição de um *habitus* jornalístico forte e bem definido. Isso seria traduzido pela rotina jornalística.

Como forma de proteger a própria estrutura do campo, mostra-se importante ao jornalismo a incorporação de uma rotina de trabalho. Constitui-se, dessa forma, um conjunto de procedimentos que possibilitam a transmissão de um saber prático da

⁴ Campos, para Bourdieu (2008), são “universos sociais relativamente autônomos”.



profissão. Segundo Clóvis de Barros Filho e Luís Sá Martino (2003, p.111), “Num ofício em que a luta contra o tempo é regra de sobrevivência, qualquer princípio de economia de ação, isto é, de tempo de execução, é bem-vindo”. Os aspectos repetitivos dessa rotina, inclusive, favorecem a produção jornalística ao criar mecanismos que possibilitam maior rapidez e eficiência. Existe, dentro do campo jornalístico, a necessidade de, simultaneamente, lidar com o tempo, o relato do fato e o público.

A preocupação com o relato do fato e sua relação com o público é algo que já permeia as discussões sobre jornalismo há tempos. A questão da busca pela verdade, por exemplo, é entendida por Kovach e Rosenstiel (2003) como “o primeiro e mais confuso princípio”; entende-se a verdade como objetivo, mas, ainda assim, torna-se complicado defini-la. Colocá-la dessa forma, ao menos, definiria um compromisso com o leitor. Walter Lippmann, em 1919, já reflete sobre as relações entre jornalismo e público e, de alguma forma, tenta relatar um pouco do que se constituía o trabalho do jornalista.

Sobre a necessidade de lidar com tempo, percebe-se que se refere a algo que comumente estaria interligado à periodicidade de um veículo. Tratando-se de um jornal impresso, deve-se ter em mente um prazo para cumprir; já se tratando de uma revista semanal, as condições de trabalho e a própria rotina são diferenciadas. Com o jornalismo online e o móvel, a ideia de periodicidade é deixada de lado, tornando-se mais evidente a necessidade do imediatismo e do instantâneo.

Apesar de ainda lidar com velhos hábitos, o jornalismo vive em constante transformação. O *habitus* jornalístico também.

JORNALISMO E MOBILIDADE

A cibercultura evidencia ainda mais como as práticas jornalísticas transformam-se através do surgimento de novas tecnologias. No caso da cultura digital, inclusive, possibilitam-se mudanças significativas em um curto espaço de tempo. Observa-se, portanto, o desenvolvimento da cibercultura a partir da micro-informática dos anos de 1970, da convergência tecnológica e do *personal computer* (PC). Numa classificação de André Lemos (2005), o computador pessoal transforma-se nas décadas de 1980-1990 em um “computador coletivo” (CC) devido à popularização da internet. Em seguida, no século XXI, através de uma computação móvel, ubíqua e senciente, teríamos os “computadores coletivos móveis” (CCm). Tais fases, evidentemente, trouxeram



mudanças nas redações jornalísticas, indo das máquinas de escrever até os celulares. Nesse percurso, as interfaces dos aparelhos tecnológicos evoluem a partir de uma “articulação de linguagens” (BICUDO, 2008, p.231), de forma a contemplar novas experiências para o usuário, indo da inovação do mouse até as *touchscreen*⁵. A utilização de tecnologias móveis – pode-se inferir – tem a potencialidade de transformar o *modus operandi* da profissão jornalística tanto quanto o computador pessoal foi capaz de fazer no final do século XX. Então, é importante entender a influência da tecnologia no *habitus* profissional jornalístico. Segundo Silva,

As discussões sobre os rumos do jornalismo recomeçam cada vez que novas ferramentas e novas tecnologias surgem e são apropriadas pelo jornalismo como operacionalizadores de novas rotinas produtivas ou implementadores de interação com a audiência. (SILVA, 2008b, p.8)

Deve-se levar em conta, por outro lado, que a mobilidade desempenhando um papel importante no *habitus* jornalístico não é algo novo. O jornalismo esteve sempre ligado à questão do imediatismo, deslocamento e trabalho de campo. A novidade acaba sendo a inserção de tecnologias móveis avançadas no trabalho jornalístico (SILVA, 2008a), como celulares, notebooks e smartphones, interagindo com redes de conexão rápida e sem fio e possibilitando uma maior valorização do jornalista em constante mobilidade. Abrem-se possibilidades de potencializar o trabalho de campo.

As mudanças no jornalismo, a partir das tecnologias móveis, são reflexo das transformações visíveis nas próprias relações sociais e interações com o espaço. Intenções de valorização do local (BOURDIN, 2001; FOUCAULT, 1984) e do deslocamento, do andar pela cidade (CERTEAU, 1994), mesmo que aquele sem rumo do *flâneur* (BENJAMIN, 2004), são questões que surgiram no século XX e que se renovam através de discussões envolvendo as novas mídias – incluindo, evidentemente, as mídias locativas (LE MOS, 2007c; SANTAELLA, 2008). Criam-se novas formas de mobilidade, dando novos significados aos espaços urbanos e às relações entre as pessoas, fazendo surgir, assim, “um ambiente generalizado de conexão, envolvendo o

⁵ O iPhone, da Apple, é um exemplo de pioneirismo na junção da hibridização entre celular, tocador de mp3 e *palm* com telas sensíveis ao toque, além da capacidade de conexão de redes como *Bluetooth* e *wi-fi*, criando, ainda, possibilidades de funcionar como um dispositivo de *location based-services*. Esse tipo de aparelho multifuncional em que o celular se tornou hoje é o que Lemos (2007a) chama de Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirrede (DHMCM).



usuário em plena mobilidade, interligando máquinas, pessoas e objetos urbanos”⁶ (LEMOS, 2007b, p.123). A incorporação de tecnologias móveis, portanto, abre possibilidades para a admissão de um padrão de vida nômade (BEIGUELMAN, 2008), envolvendo-nos em cibercidades com possíveis preocupações com o local e o deslocamento – tanto de pessoas quanto de informações.

Uma das principais tecnologias a representar mudanças, ao mesmo tempo, nas relações interpessoais, na ideia de lugar e na mobilidade é o celular. Ele, ao poucos, deixa de priorizar sua antiga função única de servir como telefone para se transformar numa ferramenta capaz de incorporar diversas mídias, com diferentes funções. De acordo com Katz,

Telefones celulares estão se transformando em objetos que vão para longe da chamada telefônica ou mensagem de texto. Eles estão virando o canivete, a carteira e a identidade eletrônicos das pessoas. Essa recriação de uma tecnologia faz da concepção do telefone celular um pouco diferente da forma que foi originalmente imaginada, como sendo apenas um telefone. (KATZ, 2005, p. 5, tradução nossa)

O celular, portanto, radicaliza a ideia de convergência digital, trazendo possibilidades diversas em um único aparelho. Com ele, torna-se possível comunicar-se por voz, mensagem SMS⁷ e por mensagem instantânea⁸; assistir e enviar vídeos; fazer leitura de código de barra⁹; utilizar ferramentas de geolocalização; ouvir música; fotografar; ler e responder e-mails; organizar *flash mobs* e *smart mobs*; além de, evidentemente, visualizar e produzir notícias. Com a conexão à internet nos aparelhos de celular, e, mais recentemente, a conexão rápida de internet viabilizada pelo 3G¹⁰, torna-se possível usufruir de boa parte das potencialidades proporcionadas por ela, as quais, usualmente, estavam associadas apenas ao computador pessoal. Os dispositivos

⁶ Lemos (2007a, 2007b, 2007c) chama de “territórios informacionais” as zonas de conexão permanente e ubíquas, a partir de um ambiente generalizado de acesso e controle da informação. Seriam, portanto, “espaços híbridos de controle eletrônico-informacional e físico em mobilidade” (LEMOS, 2007c, p.9).

⁷ SMS: “short messages”. São mensagens curtas enviadas via celular para outra ou mais pessoas

⁸ Alguns celulares, com acesso à internet, permitem a instalação de programas de mensagem instantânea, como MSN Messenger e Gtalk.

⁹ Grande parte dos celulares permite a instalação de leitores de códigos de barra. O código para leitura em celular mais popular é o QR Code (código de barras bidimensional), tendo experiências de utilização inclusive no jornalismo. A primeira empresa de comunicação no Brasil a utilizar QR Codes acompanhando matérias da edição impressa é o Grupo A Tarde, que desde 2008 utiliza-os em seu jornal.

¹⁰ Celulares de tecnologia de “terceira geração”



eletrônicos móveis, como o celular, podem estar se transformando em parte essencial do próprio usuário, diminuindo a barreira entre tecnologia e corpo (KATZ, 2005). Além disso, os celulares tornam-se verdadeiramente aparelhos mundiais, sendo bastante difundidos inclusive em países em desenvolvimento, onde há usos específicos diferenciados, tendo muitas vezes grande importância social (KATZ, 2008).

Dessa forma, o consumo de telefone celular cresce de forma exponencial devido provavelmente à necessidade de contato permanente e de mobilidade constante (LEMOS, 2005), transformando-o tanto num fenômeno social como profissional. Por isso, analisando o celular a partir do campo profissional jornalístico, tende-se a reconhecê-lo como um potencial aparelho para produção de notícias (CAMERON, 2008). Segundo Cameron (2008, p. 2), o uso de tecnologias móveis por repórteres tem levantado questões de qual seria a melhor utilização desse tipo de tecnologia em veículos de comunicação já existentes. Portanto, pode-se observar que uma das características do jornalismo móvel é a capacidade de permitir uma maior convergência entre as versões impressa, online e móvel¹¹ de uma publicação jornalística. Ao sair para apurar, o “jornalista móvel” poderá trabalhar em matérias tanto para a internet, possibilitando publicação de conteúdo de forma instantânea, quanto para a versão impressa da revista ou jornal que será publicada posteriormente. Com a utilização de QR Codes, inclusive, até conteúdos em forma de vídeo, por exemplo, poderiam fazer parte, mesmo que indiretamente, da versão impressa. Abrem-se possibilidades para a produção jornalística feita inteiramente com tecnologias móveis.

Haveria, portanto, uma diferenciação entre o trabalho jornalístico praticado dentro da redação e o inteiramente fora. O jornalismo móvel poderia, por exemplo, descentralizar a produção jornalística das redações físicas para “ambientes móveis de produção” (SILVA, 2008b). Tal ambiente “pode ser compreendido como uma redação móvel com praticamente toda a estrutura necessária de uma redação física para a produção jornalística em condições de mobilidade” (SILVA, 2008a, p.2). Um exemplo de ambiente móvel de produção é o proporcionado pelo “*studio in a suitcase*” da agência Reuters, uma espécie de kit para jornalistas móveis. Assim, ao repórter é dada a oportunidade de levar à rua, de forma fácil e compacta, todo um equipamento para produção de matérias em vídeo.

¹¹ Grande parte dos principais jornais brasileiros já disponibilizam conteúdo via celular. Alguns deles possuem editorias próprias destinadas à produção de notícias para celular, como o *Mobi A Tarde*, do jornal *A Tarde*



Figura 1 – Estúdio portátil da agência Reuters

Colocar nas mãos do jornalista o trabalho de apuração, produção de texto, captação de vídeo e imagens, edição e publicação gera um profissional multimídia. No entanto, pode-se questionar se a transformação do jornalista em um “faz-tudo” é positivo para a autonomia do campo jornalístico ou não.

O jornalista, ao trabalhar inteiramente na rua, não teria mais a necessidade de voltar à redação para escrever a matéria. A partir daí, pode-se observar mais uma potencial transformação do *habitus* profissional jornalístico: maior tempo em campo. Assim, criando uma grande valorização do local, o profissional precisa permanecer a maior parte do tempo – ou inteiramente – apurando, produzindo vídeos, imagens e textos, enviando todo esse conteúdo para a redação fixa ou publicando-o diretamente. Tal deslocamento pelo espaço urbano pode trazer maior mobilidade e rapidez ao jornalista, tornando-o mais ágil na apuração das notícias e, na verdade, trabalhando no meio onde elas realmente acontecem: na rua (SILVA, 2008a). Há, no entanto, um costume das empresas de comunicação de, contraditoriamente, incentivar o uso de tecnologias digitais, mas, ao mesmo tempo, inibir a prática da mobilidade para privilegiar um “repórter sentado” (SILVA, 2008a). Isso é algo que acontece geralmente



nas redações online, nas quais se cultiva uma apuração mais fácil, realizada apenas através da internet. Para os repórteres móveis, por outro lado, essa internet passa a ser apenas uma das ferramentas que podem ser acessadas, inclusive, de qualquer ambiente. O forte nesse caso é a apuração em campo. Pavlik, em 2001, já indicava uma descentralização no trabalho jornalístico, que poderia existir através das “redações virtuais”. Elas, porém, tendem, a partir do jornalismo móvel, a se tornarem não necessariamente virtuais, mas móveis e desterritorializadas.

Há, ainda, uma provável intensificação da busca por instantaneidade e rapidez na produção das notícias. Essa, na verdade, é uma perspectiva que já se amplia consideravelmente a partir do jornalismo online. Segundo Palacios (2003), uma das características do jornalismo desenvolvido para web é justamente a instantaneidade do acesso, criando uma atualização contínua¹². O jornalismo móvel, portanto, intensifica esse conceito, gerando ainda maiores necessidades de busca pela notícia no momento em que ela acontece. Nesse sentido, percebe-se que o celular, por se tratar de um dispositivo híbrido, torna-se o principal mecanismo de prática do imediatismo, já que permite o envio e recebimento de informações em mobilidade (SILVA, 2008b). O jornalismo online, de certa forma, acaba encaminhando estratégias para a difusão de conteúdo via dispositivos móveis; “A pressão pelo imediatismo continuará, na medida em que as empresas que divulgam notícias urgentes em páginas Web forem obrigadas a divulgar também essas notícias nos dispositivos móveis” (BRIGGS, 2007, p.39).

Outro fator de transformação do *habitus* jornalístico, também trazido a partir do jornalismo online, é a ideia de um *deadline* contínuo ou inexistente (PATERSON; PAUL *apud* SILVA, 2008a). O jornalista móvel, em conexão permanente e com possibilidades para edição e publicação do próprio conteúdo, torna-se livre, muitas vezes, para enviar o resultado de seu trabalho diretamente para o veículo online, por exemplo. Então, passa-se a ampliar a questão de não haver necessidade de cumprir um prazo para entrega da reportagem devido ao fechamento da edição, como acontece no impresso. Para o produtor de conteúdo para a internet, ainda mais estando em mobilidade – no caso dos jornalistas móveis –, a “cobrança” por material novo é constante.

¹² Palacios (2003) estabelece seis características do jornalismo online: Multimídia/Convergência; Interatividade; Hipertextualidade; Customização do Conteúdo/Personificação; Memória; Instantaneidade/Atualização Contínua.



EXPERIÊNCIAS COM *MOJO*

Por ser tratar de uma prática recente que, aos poucos, tende a se incorporar ao *habitus* profissional jornalístico, algumas empresas de comunicação passaram a testar formas de jornalismo móvel. Dentre essas experiências, destaco, para análise, duas: Repórter 3G, do jornal Extra¹³, e Jornalismo Mobile - Eleições Legislativas 2009, da rede RTP¹⁴, de Portugal.

Desde janeiro de 2009, o Extra colocou em prática, a partir da editoria de Cidade e Política, o projeto de Repórter 3G e de Editores Multiplataforma. O conceito é o de permitir ao repórter produzir notícia, utilizando-se principalmente de vídeos feitos por celular, para publicação na versão online e, ainda, fazer apuração que poderá ser útil na versão impressa que é publicada no dia seguinte. A ideia seria colocá-lo diretamente na rua, sem a necessidade de voltar à redação para fazer a matéria.

Na redação do Extra, 48 profissionais, entre repórteres, editores e chefes de reportagem, receberam o treinamento de Repórter 3G e Editor Multiplataforma. No entanto, apenas três trabalham com cobertura móvel¹⁵. Em relação ao equipamento, estão disponíveis vinte e cinco aparelhos Nokia N95, servindo para produção de vídeos e imagens e permitindo edição direta, além de serem utilizados como gravador digital de voz. Especificamente para os repórteres 3G, existem três notebooks da marca Dell, contribuindo para edição de áudio e vídeo diretamente da rua.

A produção de notícias, a partir dos repórteres 3G, fica destinada prioritariamente ao canal multimídia¹⁶ da versão online do jornal. Tal canal, apesar do nome, gera apenas um apanhado de *links*, em separado, para fotos, vídeos ou áudios, sem interligá-los. Portanto, não existe nesse tipo de cobertura uma convergência ou multimidialidade,

¹³ Jornal do Rio de Janeiro editado pela Infoglobo, empresa também responsável pelos jornais O Globo, Expresso e Diário de S. Paulo.

¹⁴ Rádio e Televisão de Portugal. Trata-se de uma empresa estatal portuguesa que engloba rádio e televisão públicas.

¹⁵ As informações sobre número de repórteres, equipamentos utilizados e outros detalhes da rotina dos jornalistas do Extra foram retiradas das respostas a um questionário enviado, em novembro de 2009, a Fábio Gusmão, editor de Cidade e Política. Esta é a editoria que experimenta trabalhar com *mojo*.

¹⁶ <http://extra.globo.com/multimedia/default.asp>



apesar de ser uma das características do jornalismo online (PALACIOS, 2003) e, ainda mais, uma das potencialidades proporcionadas pelo jornalismo móvel.

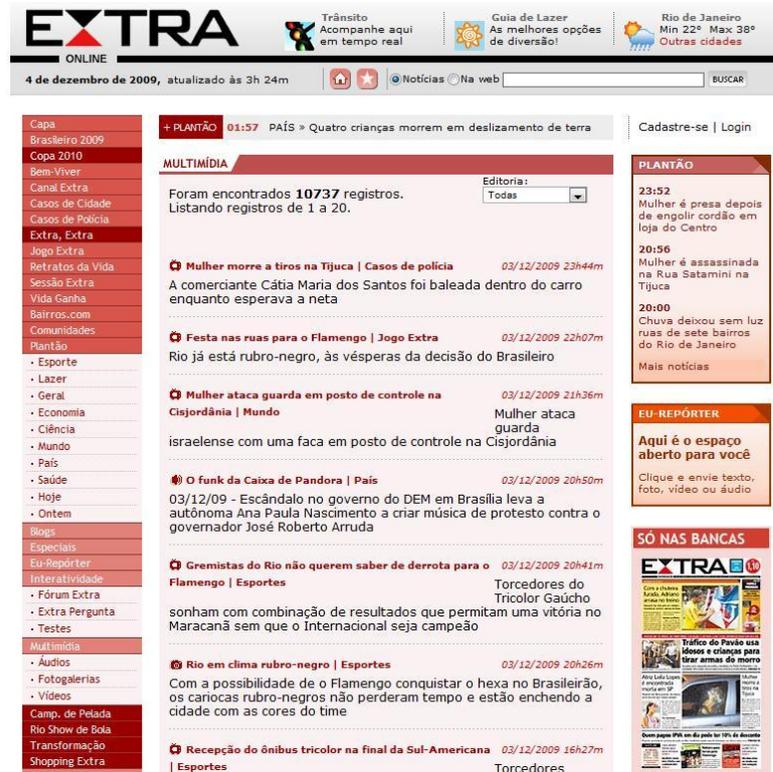


Figura 2 – Canal “Multimídia” do Extra Online. Apenas um apanhado de links para vídeos.

Após apurar, produzir fotos e vídeos, editá-los e publicá-los, além de produzir textos, tudo em condição de mobilidade, o repórter 3G do Extra não necessita voltar à redação fixa. Ele apenas comparece a ela para buscar os equipamentos que serão, ao final do dia, devolvidos pelo motorista.

O projeto Jornalismo Mobile, de cobertura das Eleições Legislativas 2009 de Portugal, foi a maior cobertura móvel feita no país. Foram escalados para a função de repórter móvel 18 jornalistas¹⁷, responsáveis por produzir conteúdo em diferentes mídias.

Os repórteres que participaram da cobertura móvel espalharam-se pelo país e buscaram cobrir os eventos de cada partido em localidades diferentes. O conteúdo coletado e produzido ia sempre ao site relacionado ao local, produzindo, além de um

¹⁷ Informações retiradas de <http://ww1.rtp.pt/icmblogs/rtp/tecnnet/index.php?k=Jornalismo-Mobile---Uma-nova-dimensao-que-esta-a-nascer-e-a-crescer-em-Portugal.rtp&post=14378>



jornalismo móvel, também um jornalismo local, ou hiperlocal¹⁸. Além disso, aplicativos online como Flickr¹⁹ e Qik²⁰ foram utilizados, sendo o primeiro para fotos e o segundo para vídeos. Tais produtos, obtidos através de celular, eram disponibilizados nesses sistemas de armazenamento e, em seguida, direcionados a pontos em um mapa de Portugal gerado via Google Maps²¹. Dessa forma, cada conteúdo era associado ao local onde era produzido. Simultaneamente, todos os repórteres enviavam informações em tempo real, através de seus celulares, para o usuário @eleicoes2009²² do Twitter²³, utilizando mensagens curtas e disponibilizando links para alguma matéria.



Figura 3 – Jornalismo móvel e hiperlocal produzido pela RTP

¹⁸ O termo hiperlocal refere-se a algo extremamente localizado, como, por exemplo, informações sobre uma rua específica.

¹⁹ <http://www.flickr.com/>

²⁰ <http://qik.com/>

²¹ <http://maps.google.com.br/>

²² <http://twitter.com/eleicoes2009>

²³ <http://twitter.com/>



Como resultado, vemos uma utilização do jornalismo móvel para produção de conteúdo multimídia, com vídeos, fotos e textos. O jornalista, portanto, num único aparelho celular tinha praticamente todo o equipamento necessário para acompanhar os acontecimentos relacionados às eleições e, através dele, disponibilizá-los em forma de conteúdos multimídia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tecnologias móveis, representadas principalmente pelo celular, podem provocar grandes transformações na rotina jornalística. A mobilidade, apesar de não se tratar de algo novo no jornalismo, é potencializada a partir dessas tecnologias.

Entre as possíveis transformações do *habitus* profissional jornalístico, destacam-se a possibilidade de permanecer mais tempo em campo, criando uma valorização do local e maior importância do imediatismo; novas formas de convergência entre mídia impressa, online e móvel, já que o repórter móvel poderia produzir conteúdo para os três tipos de publicações; ampliação da ideia de *deadline* contínuo ou inexistente, impulsionando o jornalista a produzir conteúdo a todo tempo, sem ter horário ou data definida para publicação; intensificação na busca por instantaneidade e rapidez na produção de notícias e reportagens, através das possibilidades de apuração, produção e publicação de conteúdos diretamente da rua. Há, ainda, uma possível tensão gerada pelo embate entre os jornalistas online presos à redação e os móveis com maior liberdade em relação a ela.

Algumas experiências com *mobile journalism*, como o Repórter 3G, do Extra, ou o Jornalismo Mobile, da RTP, demonstram a viabilidade em se criar uma equipe para trabalhar de forma móvel, desamarrada da redação fixa e com mais liberdade proporcionada por ferramentas de mobilidade e multimídia. Estes repórteres móveis passam a desenvolver um *habitus* jornalístico diferenciado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS FILHO, Clóvis de; MARTINO, Luís Mauro Sá. **O *habitus* na comunicação**. São Paulo: Paulus, 2003



BEIGUELMAN, Giselle. Olhares nômades. In: SANTAELLA, Lúcia; ARANTES, Priscila (Org.). **Estéticas Tecnológicas**: novos modos de sentir. São Paulo: Educ, 2008. p.279-289.

BENJAMIN, Walter. O Flâneur. In: _____. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**: obras escolhidas volume 3. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BICUDO, Sergio. Interfaces e convergência digital. In: SANTAELLA, Lúcia; ARANTES, Priscila (Org.). **Estéticas Tecnológicas**: novos modos de sentir. São Paulo: Educ, 2008. p.231-247.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 2008.

BOURDIN, Alain. **A questão local**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BRIGGS, Mark. **Jornalismo 2.0**: como sobreviver e prosperar. The Institute for Interactive Journalism, 2007. Disponível em: http://knightcenter.utexas.edu/Jornalismo_20.pdf

CAMERON, David. Mobile Journalism: A snapshot of current research and practice. In: The End of Journalism? Technology, Education and Ethics Conference, 2008, Londres. **Abstracts and Papers**. Londres: University of Bedfordshire, 2008. Disponível em <http://theendofjournalism.wdfiles.com/local--files/davidcameron/David%20Cameron.pdf>

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano. Artes do Fazer**. Petrópolis: Vozes, 1996.

FOUCAULT, Michel. **De Outros Espaços**. In: Architecture, Mouvement, Continuité, 1984. In: <http://www.rizoma.net/interna.php?id=169&secao=anarquitectura>

KATZ, James (Coord.). Handbook of Mobile Communication Studies. Londres: MIT Press, 2008.

KATZ, James. The future of a futuristic device. **Vodafone Receiver**, 2005.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. A verdade: o primeiro e mais confuso princípio. In: _____. **Os elementos do jornalismo**: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. 1.ed. São Paulo: Geração Editorial, 2003. cap.2, p.59-79.

LEMOS, André. a. **Comunicação e práticas sociais no espaço urbano**: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes (DHMCM). 2007b. Comunicação, Mídia e Consumo/ Escola Superior de Propaganda e Marketing. v.4, n.10 (julho 2007). São Paulo: ESPM, 2007



LEMOS, André. b. **Cidade e mobilidade**. Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. Revista MATRIZES n.1 out. 2007

LEMOS, André. c. Mídia Locativa e territórios Informacionais. In: **XVI COMPÓS**. Curitiba, PR, 2007. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_168.pdf

LEMOS, André. Cibercultura e Mobilidade: A Era da Conexão. In: **XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro, RJ, 2005. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1465-1.pdf>

PALACIOS, Marcos. Ruptura, Continuidade e Potencialização no Jornalismo Online: o Lugar da Memória. In: MACHADO, Elias & PALACIOS, Marcos (Orgs), **Modelos do Jornalismo Digital**, Salvador: Editora Calandra, 2003.

PAVLIK, John V. **Journalism and new media**. New York: Columbia University Press, 2001

SHEERIN, Mark. Reuters rolls out 'studio in a suitcase'. **Press Gazette**, Londres, abril 2009. Disponível em: <http://www.pressgazette.co.uk/story.asp?sectioncode=1&storycode=43499&c=1>. Acesso em: 15 nov. 2009.

SILVA, Fernando Firmino da. a. Jornalismo reconfigurado: tecnologias móveis e conexões sem fio na reportagem de campo. In: **XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Natal, Rio Grande do Norte, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0652-1.pdf>

SILVA, Fernando Firmino da. b. Jornalismo live streaming: tempo real, mobilidade e espaço urbano. In: **VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. São Paulo, SP, 2008. Disponível em: <http://sbpjour.kamotini.kingghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/individual40fernandofirmino.pdf>